



METODOLOGIAS ATIVAS NA APRENDIZAGEM: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA COM SALA DE AULA INVERTIDA

Gustavo Gomes Siqueira da Rocha¹, Carina de Almeida Coelho²

Mestrando da turma 6 do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG
rochagustavo538@gmail.com

² Mestranda da turma 6 do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG
carinaacoelho2@gmail.com

RESUMO:

O trabalho traz um relato de experiência feito por um professor da rede pública estadual de Minas Gerais, que percebendo a necessidade de se inovar em sala de aula, experimentou a metodologia ativa da sala de aula invertida em uma de suas aulas de Língua Portuguesa para testar o novo modelo e analisar suas vantagens e desvantagens. O artigo busca discutir também a importância da utilização de novas tecnologias e metodologias no âmbito da rede básica de ensino, alicerçada aos pressupostos teóricos de Bergmann e Sams (2012); BNCC (2017); Juiz de Fora (2012); Mattar (2017); Rojo (2013); Wood et al (1976) *apud* Castagnaro (2019).

Palavras-chave: metodologias ativas, sala de aula invertida, ensino de línguas.

1. Introdução

Muito é discutido acerca da aplicação de novas tecnologias, assim como a utilização de metodologias ativas de aprendizagem na rede básica de ensino, para a constituição da centralidade do discente. De fato, a virada do século e a democratização das formas de conhecimento apontam para a necessidade de mudanças na tradicional forma do ato de ensino da Língua Portuguesa (LP), a qual deve ser ancorada em práticas sociais significativas.

Cabe salientar que documentos curriculares oficiais, tais como a Base Nacional Comum Curricular (2017) e os documentos norteadores oficiais das redes de ensino, públicas e privadas, trazem à tona a importância de fundamentar o ensino como prática social constituída em sua vivacidade.

Nesse sentido, a BNCC (2017, p. 65) afirma:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a



possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

A Proposta Curricular da Rede Municipal de Juiz de Fora (2012) assegura:

Vivemos um momento marcado por profundas mudanças tecnológicas, que ampliaram as possibilidades de comunicação e de informação, por meio do uso de aparatos tecnológicos. Tais transformações estão criando uma nova cultura, denominada de cultura digital, e modificando as formas de produção e apropriação dos saberes (JUIZ DE FORA, p.34, 2012).

Há, no entanto, barreiras, tanto em nível geral quanto específico, a serem enfrentados para se alcançar tal patamar de ensino de língua materna no contexto das escolas da rede pública de ensino do Brasil. Em nível geral, é preciso que estados e municípios equipem melhor as instituições de ensino e ofereçam condições favoráveis à professores e alunos através de salas arejadas e propícias ao aprendizado, capacitações a professores e investimento em equipamentos tecnológicos na escola. Já, em nível específico, torna-se necessário realizar uma reformulação e reflexão docente acerca de seu próprio ato de ensinar, sendo esta uma tarefa árdua.

Este artigo está dividido e estruturado em quatro seções: introdução; a importância de utilização de metodologias ativas; relato de experiência; por fim, considerações finais. Na primeira seção, foram empregados como arcabouço teórico: BNCC (2017); JUIZ DE FORA (2012). Na segunda seção, os autores embasados foram: Bergmann e Sams (2012); Mattar (2017); Rojo (2013); Wood et al (1976) *apud* Castagnaro (2019).

2. A importância de utilização de metodologias ativas

Com a virada do século XXI e o advento de novas tecnologias de informação, o corpo discente passou por uma mudança de perfil, tornando-se cada vez mais curioso e antenado. O modelo tradicional da aula expositiva centrada no professor, detentor do conhecimento e figura maior na aula, fez-se obsoleto e surgiu a necessidade de aplicação de metodologias que centrassem na figura do aluno e desenvolvessem seu raciocínio crítico. Conforme destaca Rojo (2013):

[...] é preciso que a instituição escolar prepare a população para um funcionamento da sociedade cada vez mais digital e também para buscar no ciberespaço um lugar para se encontrar, de maneira crítica, com diferenças e



identidades múltiplas. (ROJO, 2013, p.7)

Nesse contexto, Bergmann e Sams (2012, p. 6), precursores do método ativo da Sala de Aula Invertida, realizam forte crítica ao ensino tradicional, que foi concebido no século XVIII em contexto da Revolução Industrial, apontando sua ineficiência nos tempos atuais:

O atual modelo de educação reflete a era em que foi concebido: a revolução industrial. Os alunos são educados como em linha de montagem, para tornar eficiente a educação padronizada. Sentam-se em fileiras de carteiras bem arrumadas, devem ouvir um “especialista” na exposição de um tema e ainda precisam se lembrar das informações recebidas em um teste avaliativo [...] A debilidade do método tradicional é a de que nem todos os alunos chegam à sala de aula preparados para aprender. Alguns carecem de formação adequada quanto ao material, não têm interesse pelo assunto ou simplesmente não se sentem motivados pelo atual modelo educacional.

Nesse sentido, Mattar (2017) aponta o importante papel da *internet* no sentido de disseminação de conhecimento e mudanças no papel do professor:

A posição central do professor no processo de ensino [...] começou a ser questionada de maneira mais intensa a partir do momento em que a Internet passou a disponibilizar informações e conteúdos gratuitos de qualidade, e em abundância, para qualquer pessoa interessada, criando assim, espaço para desenvolvimento de metodologias mais ativas, nas quais o aluno se torna protagonista e assume responsabilidade sobre seu processo de aprendizagem (e o professor se torna um guia ao seu lado). (MATTAR, 2017, p.21)

A aplicação do método da sala de aula invertida pode tornar alunos mais ativos em seu processo de ganho de conhecimento. Como afirmam Bergmann e Sams (2012), o método é facilmente adaptável, personalizável e facilmente ajustável às particularidades de cada professor. Os autores ressaltam, também, o diálogo que a sala de aula invertida estabelece com outros métodos ativos de aprendizagem, como ensino híbrido, instrução invertida, sala de aula 24/7 por meio de videoconferência e interações simultâneas fora do ambiente escolar, sendo algo muito válido para o atual problema enfrentado no mundo pelo Covid-19, em que docentes e discentes não podem ir ao seu habitat laboral.

A sala de aula invertida, do Inglês, *Flipped Classroom*, pode acarretar um aumento das interações no ambiente escolar.

Basicamente, o conceito de sala de aula invertida é o seguinte: o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula. (BERGMANN E SAMS, 2012, p. 11)



Dessa maneira, no âmbito da sala de aula invertida, o aluno no momento em que chega à aula presencial já teve contato com o conteúdo em casa e o espaço da aula é utilizado para sanar dúvidas, realizar tarefas e atividades, em grupos ou individuais. Em sala de aula, o professor cumpre um papel de mediador, facilitador, auxiliando os discentes de maneira personalizada em suas dúvidas e dificuldades, propiciando a aprendizagem (Wood et al, 1976 *apud* Castagnaro, 2019), rompendo com a visão tradicional do docente como detentor de todo conhecimento. A sala de aula invertida pode, dessa forma, colaborar de forma positiva para o protagonismo discente.

No entanto, Mattar (2017) diz que:

[...] cabe aos professores e às instituições de ensino garantirem aos alunos o acesso ao material didático, tanto do ponto de vista de equipamentos quanto de conexão de Internet, assim como a disponibilização dos materiais em tempo hábil para que os alunos realizem as tarefas necessárias. (MATTAR, 2017, p. 37)

Logo, é imprescindível que a instituição de ensino e o docente ofereçam boas condições de ensino e acesso a materiais necessários.

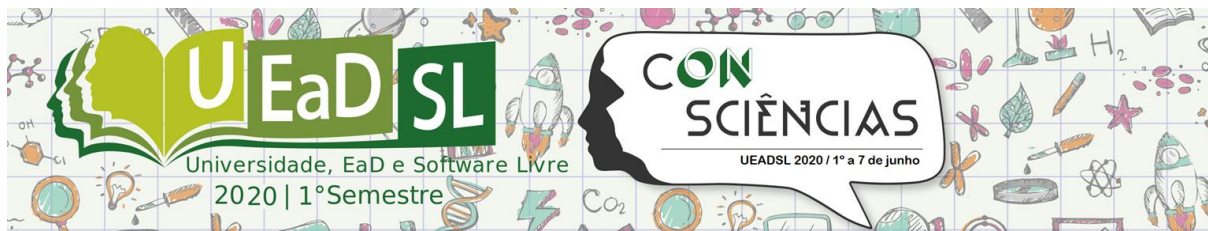
3. Relato de experiência

O relato a seguir foi coletado de um professor da rede estadual da Zona da Mata Mineira¹. O docente atua há menos de 5 anos na instituição pública de ensino.

Iniciei em sala de aula cedo e sempre trabalhei na rede privada de ensino, tendo contato com um tipo específico de público. Quando iniciei meu trabalho na rede estadual de ensino de Minas Gerais, tive contato com um público totalmente distinto. Os alunos se mostravam desinteressados na maior parte do tempo e por mais que eu buscasse e pesquisasse atividades diferenciadas, nada parecia surtir efeito nas turmas. Há, ainda, uma cobrança muito grande por parte da direção e supervisão para manter os alunos em silêncio dentro de sala, o que me levava a evitar aulas mais lúdicas com movimento e acabava ficando no tradicional quadro branco, o que me deixava ainda mais incomodado. As aulas eram quase totalmente baseadas no quadro e no livro didático e eu era sempre o centro da minha aula [...]

Nesse ponto, é possível observar a inquietação do professor perante a sala de aula tradicional nos dias atuais, que como citado anteriormente, foi criada em contexto

¹ Relato colhido como parte de uma pesquisa de campo realizada no Mestrado Profissional em Letras da UFJF.



do século XVIII para atender demandas daquele tempo (BERGMANN & SAMS, 2012). Cabe ressaltar que as aulas eram sempre centradas na imagem do professor, dono de todo conhecimento. As metodologias ativas possuem o objetivo de retirar o centro da aula do docente e incluir ao aluno essa centralidade.

[...] Analisando na plataforma Google formas de inovar em minha sala de aula, descobri a sala de aula invertida (flipped Classroom) e o nome logo me chamou atenção. Pesquisei mais acerca da metodologia ativa em questão e me interessei bastante. Resolvi aplicar uma atividade seguindo os princípios da sala de aula invertida. Como já estava trabalhando o gênero textual bilhete, passei, como dever de casa, um vídeo com uma explicação bem didática sobre o gênero. Orientei que eles deviam assistir, pausar, retornar cenas, anotar e prestar atenção, já que, em sala, iria fazer perguntas sobre o vídeo. Era necessário, porém, romper algumas barreiras como a limitação do acesso à internet na escola e em casa pelo corpo discente. Disponibilizei a sala de informática da escola, agendei um horário com parte da turma e os recebi e orientei para encontrar o vídeo na plataforma.

Em sala, a maior parte dos alunos já tinham tido contato com o novo conteúdo e uma menor parte, de fato, não se interessou ou não teve oportunidade de realizar a tarefa.

Primeiramente, realizei perguntas orais sobre o vídeo que a turma havia assistido e fiz um mini debate. Posteriormente, realizamos juntos um exercício escrito sobre o gênero. Gostei muito desse momento, pois pude andar pela sala e atender individualmente cada aluno, tirando dúvidas e auxiliando na tarefa.

As tarefas do dia foram realizadas em dupla, pois foi a forma que encontrei daqueles que não puderam ou não quiseram assistir ao vídeo conseguirem participar da aula. Foram realizadas tarefas de compreensão acerca do gênero e como utilizá-lo para se comunicar melhor em sociedade. Ao final da aula, foi realizada uma proposta de produção de comentários para serem postados em vídeos oficiais do YouTube para que os internautas que estivessem navegando pela plataforma lessem o que foi postado e sentissem vontade de assistir ou não. (Relato colhido do professor)

De acordo com o relato, é possível observar que o professor respeitou as etapas de aplicação da sala de aula invertida, uma vez que foi solicitado que os discentes assistissem a um vídeo sobre o gênero textual bilhete em casa pela internet, antes do docente o explicar. Na próxima aula, este realizou tarefas em duplas, para que todos pudessem realizar a atividade mesmo que não tivessem visto a mídia digital. Por fim, o professor interagiu, discutiu e mediou a respeito do gênero assistido.

4. Considerações Finais

O docente do relato em questão, a partir de suas inquietações e incômodos na prática tradicional, resolveu diversificar suas aulas e experimentou a sala de aula invertida, uma metodologia ativa que traz grandes mudanças ao modelo convencional



de uma aula, ao mudar a forma como o conteúdo é exposto e colocando o discente em posição central de uma aula. Essa foi a primeira experiência dele e conversando posteriormente com o professor, este avaliou a prática como positiva e afirmou que pretende “inverter” sua sala de aula mais vezes. Assim como ele, outros professores, em atuação na rede pública e privada, vêm pesquisando sobre metodologias ativas e tentando aplicar em suas aulas.

A sala de aula invertida é apenas uma de outras tantas metodologias ativas disponíveis, como ensino híbrido, sala de aula 24/7 e instrução invertida. A *internet* oferece infinitas possibilidades de aplicabilidades para as aulas, compete ao professor pesquisar, buscar e conhecer métodos de se inovar em sua sala de aula, através das novas possibilidades oferecidas pela tecnologia.

Modificar um costume cristalizado exige constante reflexão e leva tempo. Através de pequenos movimentos rumo a mudança do modo de ensinar é possível vislumbrar um novo viés para a prática docente no século XXI.

REFERÊNCIAS

- BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. *Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. Rio de Janeiro. LTC. 2012.
- BRASIL, Base Nacional Comum Curricular. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília. MEC/Secretaria de Educação Básica. 2017
- CASTAGNARO, Fabiana Correa. *Interação, mediação e autonomia no ensino-aprendizagem em educação à distância*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. 2019.
- JUIZ DE FORA. Prefeitura de Juiz de Fora. Secretaria de Educação. *Proposta curricular: língua portuguesa*. 2012. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/se/escolas_municipais/curriculos/arquivos/mio_lo_lingua_portuguesa.pdf>.
- MATTAR, João. *Metodologias ativas para a educação presencial, blended e a distância*. 1. ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017
- ROJO, Roxane (Org). *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo. Parábola. 2013.